

Apresentação

Jaime Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, J. Apresentação. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., and BIONDI, L. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre história e memória* [online]. São Paulo: Unifesp, 2008. pp. 29-33. ISBN: 978-85-61673-83-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Apresentação

Jaime Rodrigues

A história é uma centena de correlações ao mesmo tempo, das quais, na melhor das hipóteses, só percebemos algumas. Portanto, não expliquemos rápido em demasia e a partir de esquemas simples demais!

FERNAND BRAUDEL, *O Modelo Italiano*, p. 117.

Sua função principal [dos historiadores], além de lembrar o que outros esqueceram ou querem esquecer, é tomar distância, tanto quanto possível, dos registros da época contemporânea e vê-los em um contexto mais amplo e com uma perspectiva mais longa.

ERIC J. HOBBSBAWM, *Globalização, Democracia e Terrorismo*, pp. 9-10.

AS EPÍGRAFES ACIMA, ESCOLHIDAS quando este livro já ganhava os contornos finais, indicam o quanto os historiadores precisam empenhar esforços contínuos para se fazerem entender. Ao mesmo tempo, indicam a impossibilidade de abraçar a história total e, lidando com tantas dificuldades e incertezas, manter a disposição de enfrentá-las mesmo quando isso contraria opiniões arraigadas e mais poderosas do que as nossas. Retiradas de obras oriundas de escolas e tradições diferentes, essas epígrafes motivam reflexões sobre o ofício do historiador – um ofício que vem tomando corpo na medida em que os horizontes dessa categoria profissional se alargam e são reconhecidos como socialmente relevantes.

Em certa medida, o livro que ora apresentamos é um sinal desse alargamento e desse reconhecimento. Quatro historiadores enfrentaram o desafio de refletir sobre a história da Universidade onde militam, sendo essa história de mais de sete décadas profundamente marcada pelo foco de atuação nas ciências da saúde, em particular a medicina. Entendemos que a historiografia, quando praticada profissionalmente, representa uma contribuição para (re)pensar os elos entre passado e futuro no momento de revisão da identidade e do próprio formato da Unifesp, até há pouco auto-definida como “Universidade da Saúde” – o que significa alargar horizontes. De outro lado, mudanças ocorridas recentemente na Unifesp e que ainda estão em curso levaram à incorporação das ciências humanas como campo de atuação acadêmica. Em que pese todo o estranhamento cultural inicial entre profissionais das áreas de humanas, exatas e biológicas (as duas últimas com ênfase em saúde), a criação de cursos e a implementação de pesquisas em ciências humanas *stricto sensu* na Unifesp traduziu o reconhecimento socialmente identificável que esse campo do saber vem angariando.

O livro constrói *uma*, e não *a*, história da Unifesp. A diferença pode parecer sutil para leigos ou desavisados, mas não para historiadores e leitores atentos. Evidentemente, toda história é singular; o que difere são as formas de abordagem de um mesmo tema. No nosso caso, estamos lidando com um objeto constantemente revisitado – como o capítulo escrito por Karen Lisboa deixa claro. Ao longo de muitos aniversários, a Unifesp e sua antecessora – a Escola Paulista de Medicina (EPM) – encomendaram obras de caráter histórico, quase sempre à lavra de membros da comunidade universitária, ainda que nenhum deles fosse historiador de ofício. Diferentes na forma e na escolha dos conteúdos feita por seus autores, essas obras, se não criaram, acabaram reafirmando uma cultura institucional encomiástica, pautada pelos documentos relativos à fundação, em 1933, como se estes fossem arrolamentos de destinos inequívocos. Cada livro comemorativo narra uma história da EPM ou da Unifesp¹. O tema foi visitado freqüentemente e, a cada vez, tomou corpo e feições ditados por visões geracionais, contextos históricos diversos e escolhas pessoais de seus autores.

Não existe história entendida como processo único e sem contestações. Por entender a história dessa forma, os autores deste livro empenharam-se em inserir seu objeto num campo de possibilidades, no interior do qual os sujeitos atuaram de formas diferenciadas e pautaram sua atuação conforme os projetos que defendiam: “Vendo a história como um campo de possibilidades, visualizam-se, em cada momento, diferentes propostas em jogo e, se uma delas venceu, ven-

1. Com destaque para Paulo Mangabeira Albernaz, *A Escola Paulista de Medicina: Notícia Histórica dos Primeiros 25 Anos*; José Ribeiro do Valle, *A Escola Paulista de Medicina: Dados Comemorativos de seu 40º Aniversário (1933-1973) e Anotações Recentes*; *Escola Paulista de Medicina: 60 Anos de História* e Ana L. Guímaro e Leonel Prata (eds.), *A Universidade da Saúde: Escola Paulista de Medicina, 70 Anos*.

ceu não porque tinha de vencer, mas por uma série de injunções que é preciso desvendar”².

Ao optar por esse caminho, os autores não abraçaram a ingênua contraposição entre as inúmeras possibilidades e uma suposta verdade unívoca. Escolhemos escrever *uma* história da Unifesp, como outros autores poderiam escrever numerosas outras narrativas, e certamente o farão, com recortes, enredos e resultados diferentes.

O vasto patrimônio arquivístico da Unifesp possibilitou aos autores um forte embasamento em pesquisa empírica, ainda que tenhamos encontrado arquivos em condições merecedoras de um olhar preservacionista profissional. Preservá-los é responsabilidade da Universidade, como toda instituição produtora de documentos, com a finalidade de garantir os direitos de quem possui informações que lhe dizem respeito ali registradas e, também, com o dever de garantir a sobrevivência de suportes da memória e da história.

Setenta e cinco anos de história são analisados aqui, sem narrar simplesmente os fatos em ordem sucessiva. Cronologicamente, a EPM ocupa a maior parte das páginas que se seguem. De outra parte, este é o primeiro dentre os vários livros comemorativos que narra uma história da Unifesp para além da “Universidade da Saúde”. Ultrapassar este modelo não significa apenas observar os meandros da expansão ocorrida no início do século XXI, que extrapolou a identidade “da saúde” (como faremos no capítulo IV). O entendimento do significado das efemérides (tratadas no capítulo I), das idiossincrasias do caráter privado das duas primeiras décadas de existência (abordadas no capítulo II) e as questões políticas e suas inserções sociais após a federalização (tema do capítulo III) deixam entrever que a abordagem não privilegiou temas de história da ciência ou análises do modelo acadêmico e da imagem auto-atribuída pela EPM ou pela Unifesp, mas sim as questões que aguçavam a vontade de saber dos autores a partir de um olhar situado no presente e nos temas mais candentes de nossa época, compreendidos em sua dimensão histórica.

Em cada capítulo do livro, a abordagem das fontes respeitou a formação dos autores – hoje reunidos no curso de História da Unifesp, mas vindos de experiências profissionais diversas entre si, tendo em comum a dedicação integral e intensa à pesquisa e ao ensino. Ao longo do livro, algumas fontes e alguns temas virão à cena mais de uma vez nos diferentes capítulos. Isso não deve ser entendido como repetição, já que cada autor escreveu sob sua óptica e as nuances nas análises serão facilmente percebidas pelo leitor. Ao chamar atenção para isso nesta Apresentação, quero demonstrar que as abordagens variam no interior

2. Maria do Pilar de A. Vieira, Maria do Rosário da C. Peixoto e Yara M. Aun Khoury, *A Pesquisa em História*, p. 43.

de uma mesma geração e, no caso, de um mesmo livro, em se tratando de obra coletiva. A variedade de interpretações, desde que embasada pela pesquisa, só enriquece e promove o debate historiográfico, já que nenhum de nós arvorou-se em detentor da verdade.

As diferenças entre os autores e textos reunidos neste livro podem ser percebidas nos variados estilos narrativos e nas formas diversas de lidar com as fontes e a bibliografia. Todos optaram por um trabalho incisivo com as fontes impressas e manuscritas e apostaram no diálogo bibliográfico, com ênfases e formas diversas.

Ana Lúcia Nemi exerce seu talento para as sínteses explicativas mais amplas e insere a história da Unifesp no tecido da história do Brasil desde o início da década de 1930 até os meados do século xx.

Karen Lisboa deu à bibliografia o estatuto de fonte primária, na medida em que seu objeto eram as próprias efemérides e a tradição comemorativa que levou à construção de uma memória e uma identidade institucional. Seu espectro temporal é o mais largo do livro, bem como as conjunturas são as mais variadas – tudo sendo enfrentado por ela para compreender a constituição de uma identidade tão forte como a da EPM (e, mais tarde, da Unifesp) em meio à gama de vicissitudes alegadas em cada época.

Luigi Biondi lidou com as dificuldades do não-explicitado, do não-registrado, com o incômodo de tocar no que os outros muitas vezes esquecem ou querem esquecer, como afirmou Hobsbawm numa das epígrafes desta Apresentação: os eventos ligados aos anos da ditadura militar. Os métodos da história oral e uma fina leitura de documentos escritos baseada nos preceitos da história social, nos quais Biondi é um especialista, foram fundamentais para chegar a bom termo nessa tarefa.

No capítulo de minha autoria, assim como fez Lisboa, encaro a história institucional a partir de fontes escritas. Diferentemente dela, não lidei profusamente com a produção memorialística ou encomiástica, mas sim com documentos oficiais. Ao contrário de Biondi, optei por não trabalhar com fontes orais. A Universidade disponibiliza em seu portal na internet documentos oficiais (como atas e relatórios) que me foram de grande valia. Os periódicos oficiais também foram tomados como fontes de informações, muitas vezes reiterando e acrescentando dados às falas registradas na linguagem eventualmente árida das atas de conselhos. Ao escolher essas fontes para traçar um painel das discussões travadas em torno da expansão da Unifesp, nos primeiros anos do século XXI, a intenção foi esmiuçar o discurso oficial e trabalhar com informações às quais qualquer um pode ter acesso imediato, confrontando minhas interpretações e análises.

O resultado ora apresentado emergiu de questões situadas no presente e, conseqüentemente, da constante problematização da experiência dos sujeitos históricos que, ontem e hoje, deixaram vestígios de sua ação ao longo do tempo. Esses vestígios foram nossos pontos de partida para a análise, que não se limitou às informações puras e simples contidas nos documentos. O ponto de chegada, como todo trabalho historiográfico, é transitório. Que o leitor não se assuste: o livro tem começo, meio e fim, e cada texto que o compõe também pode ser lido separadamente, sem prejuízo da compreensão geral. O que fazemos aqui é demarcar a transitoriedade inerente a todo conhecimento histórico, incluindo-se nessa característica a história da Unifesp contida nas páginas que seguem. Boa leitura!